

ESPAÇO FÍSICO DA BIBLIOTECA: A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR DE SOROCABA-SP

Ana Claudia Martins Rosa

Édison Trombeta de Oliveira

Resumo

A biblioteca, ao longo da história, destaca-se por desempenhar um papel importante para o ser humano ao longo de toda a evolução da sociedade como um todo. No mesmo sentido, e de forma correlata, o ensino superior caracteriza-se como uma parte relevante da constituição da sociedade, inclusive a brasileira, mesmo considerando-se a demora na instalação de universidades no país em comparação com o restante da América Latina. Neste sentido, o presente artigo objetiva discutir como o espaço físico das bibliotecas de instituições de ensino superior têm-se ressignificado para apoiar o processo de construção do conhecimento. Como justificativa para a presente pesquisa, pode-se mencionar que a intenção é analisar a reinvenção destes espaços e as transformações no perfil dos bibliotecários para que o local seja um ambiente dedicado a convivência e troca de experiências. A metodologia adotada é qualitativa e envolve entrevistas semiestruturadas com bibliotecários de universidades de Sorocaba, interior de São Paulo. Este artigo é caracterizado como um recorte de uma pesquisa maior, que reflete sobre a evolução da biblioteca no ensino superior como um todo, envolvendo aspectos como tecnologia, por exemplo. A análise das entrevistas se deu por meio da Análise de Conteúdo. Como resultados, pode-se perceber os espaços físicos das bibliotecas universitárias modernizaram-se com a ampliação do ensino superior. A procura pelo livro físico diminuiu significativamente, algo que causa impacto na prática do profissional bibliotecário.

Têm-se então a necessidade de olhar para os serviços acompanhando as tendências mencionadas na literatura da área. Assim, pode-se concluir que as bibliotecas caminham na mesma direção dos estudos que suportam sua pesquisa, com a modernização dos espaços que privilegiam a convivência entre as pessoas em detrimento do espaço do acervo em si.

Palavras-chave: Biblioteca Universitária; Ensino Superior; Construção do conhecimento; Espaços Físicos.

Abstract

Throughout history, libraries have played an important role for human beings throughout the evolution of society as a whole. In the same sense, and in a related way, higher education is characterized as a relevant part of the constitution of society, including Brazilian society, even considering the delay in establishing universities in the country compared to the rest of Latin America. In this sense, this article aims to discuss how the physical space of libraries in higher education institutions has been redefined to support the process of knowledge construction. As a justification for this research, it can be mentioned that the intention is to analyze the reinvention of these spaces and the changes in the profile of librarians so that the place becomes an environment dedicated to coexistence and exchange of experiences. The methodology adopted is qualitative and involves semi-structured interviews with librarians from universities in Sorocaba, in the interior of São Paulo. This article is characterized as an excerpt from a larger research, which reflects on the evolution of libraries in higher education as a whole, involving aspects such as technology, for example. The interviews were analyzed using Content Analysis. As a result, it was possible to see that the physical spaces of university libraries have been modernized with the expansion of higher education. The demand for physical books has decreased significantly, something that has an impact on the practice of the librarian professional. There is therefore a need to look at services in line with the trends mentioned in the literature in the area. Thus, it can be concluded that libraries are moving in the same direction as the studies that support their research, with the modernization of spaces that prioritize coexistence between people to the detriment of the space of the collection itself.

Keywords: University Library; Higher Education; Knowledge construction; Physical Spaces.

1 Introdução

Esta pesquisa tem como objetivo discutir o espaço físico da Biblioteca em instituições de ensino superior (IES) e seu papel no processo de construção do conhecimento no ensino superior. Para esta pesquisa, realizou-se um recorte das universidades situadas na cidade de Sorocaba/SP. Tem-se como hipótese que a BU pode dar significado ao aprendizado, sendo um local de convívio da comunidade, atividades culturais e espaço de *coworking*. Pode-se perceber também que se espera que o profissional bibliotecário se atualize constantemente e que trabalhe em parceria com os alunos e professores motivando a utilização do espaço físico da biblioteca como suporte educacional.

Feita esta, introdução partiu-se para os objetivos gerais. Logo após, para o referencial teórico: referente à biblioteca, aborda-se a história das bibliotecas desde a antiguidade e, logo após, questiona-se que espaço é esse, sendo depois trazido o tema inovação em bibliotecas de IES, pois a biblioteca tornou-se um espaço que é muito mais que livros. Para isso, analisa-se que tipo de profissional o bibliotecário precisa ser para atender as demandas de uma sociedade cada vez mais em constante transformação.

Referente à metodologia da pesquisa, além do levantamento bibliográfico em livros e dissertações acerca do tema, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com bibliotecários que atuam em universidades da cidade de Sorocaba/SP.

Feito isso, partiu-se para os resultados e discussões das entrevistas, em que trechos das entrevistas são analisados com base nos autores da literatura da área referente ao recorte “espaços físicos”. Parte-se então para as considerações finais desta pesquisa.

2 Objetivo

O objetivo geral é analisar o espaço através do novo paradigma da construção do conhecimento e suas funções na perspectiva dos bibliotecários. Como objetivos específicos teve-se a intenção de verificar se estes espaços físicos estão se reinventando, além de identificar ações educacionais dos bibliotecários

dentro deste espaço e quais as tendências dos usos destes espaços físicos dentro das IES.

3 Referencial Teórico

3.1 A BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA E NO ENSINO SUPERIOR

As bibliotecas, na antiguidade, foram criadas para suprir a necessidade da sociedade de guardar e preservar os registros realizados pela humanidade (Silva, 2019). Elas eram consideradas “depósitos de livros” pois ficavam em locais de difícil acesso, sendo a mais famosa a Biblioteca de Alexandria, com 500.000 livros (Cabral, 2021).

Na Idade Média, os monges *armarius* eram responsáveis por supervisionar todo o trabalho na biblioteca para que as cópias fossem fiéis aos originais. Tinham também os monges que agiam como se fossem bibliotecários, com isso eram responsáveis por controlar o uso dos livros (Cabral, 2021).

Ainda na Idade Média, conventos e mosteiros eram definidos como bibliotecas, isso se dava devido a sua arquitetura que tinham os armários embutidos em paredes. Até a Renascença estes espaços não eram utilizados pelos profanos, pois considera-se a biblioteca um órgão sagrado, privilegiando o acesso somente a pessoas que faziam parte de alguma ordem religiosa. O surgimento das bibliotecas foi antes dos livros e dos manuscritos. Somente em 1470 começaram a surgir livros menores, com folhas dobradas (Martins, 1998).

Com o avanço dos anos, o livro perdeu o seu valor material, e passou a ser um serviço. A biblioteca enquanto espaço deixou de ser a única opção e, por isso, passou a oferecer serviços a sua comunidade de acordo com as suas necessidades (Milanesi, 1983), como é o caso da biblioteca nas IES.

A biblioteca nas IES tem como missão atender às necessidades de sua comunidade escolar, no apoio das atividades de ensino, pesquisa e extensão (Cunha; Cavalcante, 2008).

Com a fundação das primeiras universidades na Idade Média, surgem as bibliotecas universitárias. Naquela época, o acesso aos livros e ao espaço era restrito a pessoas letradas, ficando os livros presos por correntes nas estantes (Cassiavilani, 2020).

Com o surgimento das universidades, surge a demanda por livros para os estudantes. Porém, somente no século XV essas bibliotecas se desenvolveram com um acervo pequeno, tendo sua grande maioria vinda de doações (Cabral, 2021). No Brasil, as bibliotecas também passaram a ter mais destaque a partir da vinda da Família Real (Araujo *et al.*, 2024). Mas ainda não eram universitárias. O número de bibliotecas deste tipo cresce a partir da década de 1960, com a criação de diversas universidades e com a junção de algumas faculdades já existentes (Cassiavilani, 2020).

Neste momento fica clara a importância da biblioteca, tendo o seu papel reafirmado devido ao valor da própria universidade e sendo reconhecida como recurso indispensável do processo de ensino e aprendizagem.

As bibliotecas das IES no Brasil, são avaliadas pelos parâmetros do Sistema Nacional de Ensino Superior (SINAES), criado pela Lei n. 10.861, de 2004. Esta avaliação considera como fatores: estrutura física, política de coleções, serviços aos usuários, dentre outros (Nunes; Carvalho, 2016).

Na educação superior, “bibliotecas são um fator bastante considerado quando estudantes selecionam uma universidade, e, em consequência disso, as bibliotecas acadêmicas podem também impulsionar o número de matrículas” (Lankes, 2016, p. 35).

Para muitos jovens, adentrar em uma biblioteca é uma oportunidade que só lhe é concedida dentro do ensino superior (visto a obrigatoriedade deste espaço). Sendo assim, espera-se que este local também cumpra o seu valor social.

3.2 Inovação em Bibliotecas nas IES

A biblioteca tem-se transformado ao longo dos anos, acompanhando a evolução das IES e da comunidade que se beneficia de seus serviços. Se antes ela era vista como um espaço de guarda e controle do seu acervo, hoje já não é mais. O foco agora é a sua comunidade acadêmica, e o acesso que antes era restrito ao físico passou a ter o digital como seu aliado (Nogueira, 2020).

Com isso, as IES e as suas bibliotecas buscam se adequar para acompanhar essas mudanças, o que tem feito com que a inovação se mostre relevante quando se fala em bibliotecas para o ensino superior (Cassiavilani,

2020). Inovação vem do latim *innovatio*, possui o significado de “mudança”, “renovação”. Falar e inovação é falar de algo positivo (Tavares, 2018).

Quando se fala em inovação no quesito espaços físicos das bibliotecas, pode-se entender que é algo imprescindível, pois as bibliotecas devem ser vistas como espaços destinados a colaboração e criação com o desenvolvimento de ações de *makerspace* (estímulo a criatividade), *information commons* (utilização de recursos físicos e virtuais), além de espaços de *coworking* (possibilidade de troca de experiências), por exemplo (Nogueira, 2020).

Muitas vezes, ações inovadoras não necessitam de tecnologias de ponta. Às vezes, uma simples mudança de layout pode provocar novas experiências (Silva, 2019). Neste sentido, pode-se perceber que as bibliotecas vêm ao longo dos anos ressignificando o uso de seus espaços: elas ainda oferecem livros, mas seus serviços vão muito além disso para que ela se mantenha sólida como um espaço de aprendizagem e de produção do conhecimento.

Apesar disso, algumas pessoas ainda veem a biblioteca apenas como um depósito de livros. Os interessados pela biblioteca falam com certo saudosismo sobre o acúmulo de livros, porém há um grande risco em limitar este espaço a apenas esta função (Latour, 2006).

Segundo Lankes (2016, p. 51) “qualquer biblioteca empresta os seus livros seguindo a proporção 80/20, onde 80% do que é utilizado, faz parte de 20% do acervo”. Também por este motivo, a biblioteca deve oferecer serviços que vão muito além do simples empréstimo e devolução de livros. A biblioteca deve ser um espaço democrático e, se for bem estruturada, ela deve ser um ponto de acesso para atividades educacionais/pedagógicas.

4 Método

Esta pesquisa é denominada qualitativa pois teve-se a intenção de coletar e analisar dados por meio de entrevistas com bibliotecários que atuam em universidades de Sorocaba, utilizando-se como recorte as categorias: particular, pública e comunitária.

A entrevista é considerada na pesquisa um instrumento eficaz desde que seja bem elaborada, realizada e interpretada (Andrade, 2003). Na entrevista, o entrevistador formula perguntas com a intenção de obter informações que sejam interessantes para a sua pesquisa (Gil, 2008).

Trata-se de “um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto mediante uma conversa de natureza profissional” (Lakatos; Marconi, 1993, p. 195-196).

Ao aplicar uma entrevista, tem-se algumas vantagens tais como: o entrevistado não precisa ser alfabetizado; possibilidade de ter mais pessoas que participem da pesquisa; esclarecimento das perguntas; captar a expressão corporal e tom de voz (Gil, 2008).

Na entrevista semiestruturada, não é necessário um roteiro fechado, porém precisa ficar claro quais são os objetivos com esta entrevista, visto que quem entrevista tem hipóteses que podem ser confirmadas ou não. O entrevistado tem a oportunidade de conversar com alguém atento e interessado. Tem-se vários formatos de entrevista semiestruturadas, sendo uma delas é entrevista reflexiva, na qual é possível, como o próprio nome diz, que o entrevistado reflita sobre a sua fala e volte à questão discutida com uma nova narrativa (Szymanski, 2008).

A entrevista reflexiva semiestruturada deve ter rigor científico e seguir alguns passos metodológicos. O entrevistador deve se apresentar e fornecer informações pessoais, instituição de ensino e o tema da pesquisa. Deve solicitar permissão para gravação. Sugere-se que a entrevista reflexiva deva durar no mínimo 1 hora e no máximo 1h30min. O pesquisador deve ouvir mais do que falar, procurando não interromper o entrevistado, aguardando-o em suas hesitações e incentivando, discretamente, para a complementação das respostas (Andrade, 2003, p. 148).

Ao preparar a entrevista, sugere-se a elaboração de um tópico-guia para saber o que e a quem fazer as perguntas. Ele deve funcionar como uma bússola para o entrevistador e deve ser usado com flexibilidade (Bauer; Gaskell, 2015). Finalizado o tópico guia, deve-se aplicá-lo, o que é chamado de pré-teste. No que tange a esta pesquisa, foi realizado o pré-teste em outubro de 2022 (Rosa, Trombeta, Profeta, 2002).

Antes de realizar as entrevistas, deve-se definir quantas serão realizadas, levando-se em conta o trabalho de transcrição e análise, visto que uma entrevista pode chegar a ter 15 páginas (Bauer; Gaskell, 2015). Por isso, optou-se aqui por realizar três entrevistas, que já abrangeriam os tipos de universidades previstos inicialmente.

Para participar das entrevistas, todos os possíveis entrevistados precisavam ter ensino superior em biblioteconomia com registro profissional ativo (CRB), e autorizar a gravação das entrevistas, que aconteceram pelo Microsoft Teams.

As IES foram escolhidas seguindo alguns critérios: ser uma universidade; ter pelo menos um campus em Sorocaba; possuir bibliotecário alocado na cidade. Em um primeiro momento, entrou-se em contato com as universidades por e-mail, para apresentação da pesquisa e seus objetivos. Com o aceite das universidades, partiu-se para o agendamento de acordo com a disponibilidade do entrevistado e entrevistador.

Cabe destacar que a ordem dos números das entrevistas foi realizada com base na ordem cronológica que as entrevistas aconteceram. Na pesquisa, optou-se por utilizar trechos das entrevistas para preservar a identidade dos profissionais, devido ao seu contexto regional.

As entrevistas seguiram o tópico guia. No que tange a este artigo, foram realizadas as seguintes perguntas.

- O que acha da afirmação de que a nova biblioteca tem mais espaço para pessoas, e menos para materiais impressos?
- Quais os espaços mais especiais/legais, no seu ponto de vista?
- Tem ou gostaria de ter espaço para prototipação/mão na massa?
- A biblioteca atualmente é mais atrativa para o aluno?
- Você acha que o aluno é mais autônomo?

Feito isso, partiu-se para a análise dos dados, que foi planejada antes mesmo do início da entrevista. Esta ação evita (re)trabalho, pois ao optar pela pré-codificação pode-se considerar campos próprios (Gil, 2002).

Para a realização da análise de dados utilizou-se a Análise de Conteúdo. Para isso efetuou-se a codificação (Unidade de Registro) e a Unidade de Contexto realizando a categorização de acordo com a fundamentação teórica (Bardin, 2021).

5 Resultados e Discussão

Aqui trechos das entrevistas referentes ao espaço da biblioteca são debatidos com autores da área de biblioteconomia e educação escolar, com base na Análise de Conteúdo. A pesquisa inicial se apoiou em três pilares centrais: “papel da biblioteca”, “espaços” e “inovação e tecnologia” que gerou a dissertação

da autora. Para este artigo, tendo em vista a limitação espacial, foi considerada somente a categoria “espaço”.

O espaço da biblioteca modernizou-se e se expandiu com o passar dos anos acompanhando os avanços do ensino superior. A entrevistada 1 citou que quando começou a trabalhar na instituição, o espaço reservado para a biblioteca era bem menor do que é atualmente pois a estrutura era precária e, além disso, o acervo era desatualizado. Quando da entrevista, apesar de já ter um espaço melhor para a biblioteca, por um tempo ele foi utilizado como sala de aula. A entrevistada 3 passou pela mesma situação pois o prédio que deveria ser ocupado totalmente pela biblioteca foi utilizado por um tempo como sala de aula, logo no início da implantação da universidade para as aulas de graduação e pós-graduação.

Dentro do campus, todos os prédios de aula teórica não tinham sido construídos, então cedemos parte do prédio da biblioteca para salas de aula. Tínhamos um prédio, mas não ocupávamos todo esse prédio. [...] A gente dividiu a biblioteca com salas de aula. Um período foi para as aulas de graduação e depois outro período para as aulas de pós-graduação. Só a partir de [...] que a gente ocupou todo o nosso prédio (Entrevistada 3).¹

Conforme Silva (2019, p. 27), “este espaço é ainda dividido com a área de trabalho dos servidores e destinado ao acervo composto de livros, periódicos, teses, dissertações etc”.

Apesar de relevante a expansão do ensino superior, o espaço físico da biblioteca na maioria das vezes não acompanha esse crescimento. Na entrevista 1, foram apontados usos incomuns destes locais que não suprir as necessidades educacionais, dava-se mais importância no local destinado para os livros do que o recinto destinado para as pessoas, além da precariedade em sua estrutura. A entrevista 1 relata que o ambiente anterior era muito pequeno, faltando área para o acervo e para as pessoas, frisando que era uma área bem precária, com o risco de colapsar pois não ficava no térreo, correndo o perigo de a estrutura não aguentar. Com a mudança de lugar pode-se oferecer um melhor ambiente para os alunos, com a possibilidade de adquirir mais livros, oferecendo assim um acervo atualizado.

A entrevistada 1 destaca a inexistência do profissional bibliotecário no planejamento do projeto, ficando a cargo do departamento de arquitetura o desenvolvimento do projeto. "O projeto da biblioteca em si foi desenvolvido pelo departamento de arquitetura da universidade. Então eles pegaram a planta e desenvolveram o projeto" (Entrevistada 1). A exclusão do bibliotecário no planejamento do espaço, pode levar a alguns problemas futuros, causando transtornos as pessoas que utilizam este espaço.

Além disso, outro ponto de destaque levantado na entrevista 1 é que a procura por materiais impressos (livros) diminuiu de forma significativa. Isto é reforçado na literatura da área: as transformações nas práticas de leitura impactam no espaço físico das bibliotecas e, conseqüentemente, na prática do profissional bibliotecário (Salort, 2017). "Eu vejo aqui que tem tido muito menos procura pelo material em si" (Entrevistada 1).

Apesar disso, ainda há profissionais bibliotecários que acreditam que a qualidade da sua biblioteca tem a ver com a quantidade de livros no seu acervo físico. Nota-se, entretanto, que com o passar dos anos há uma transformação neste item. Na entrevista 2, a profissional disse que no passado o acervo teve um papel relevante pois quando inauguraram a biblioteca o acervo era distribuído por quase todos os andares da biblioteca. Isto é reforçado por Cassiavilani (2020): as bibliotecas por muito tempo se preocuparam com o acervo físico, porém é necessário olhar para os seus serviços, lembrando que os espaços e serviços tradicionais não devem deixar de existir, porém precisa-se de um certo equilíbrio para que este espaço acompanhe as tendências mencionadas na literatura da área.

Na entrevista 2, a profissional menciona que antes da pandemia de Covid-19, na biblioteca em que atua já existiu um projeto que dava mais ênfase para espaços que privilegiavam a interação entre as pessoas do que o destinado ao acervo físico. "A gente está priorizando hoje [mais] espaço para os usuários do que espaço para o acervo" (Entrevistada 3).

O que foi relatado é que quando os alunos retornaram às aulas, mesmo que de forma gradativa, ele estava mais digital – isso foi reforçado também na entrevista 3, que optou por reorganizar o ambiente mais para a interação das

¹ Algumas informações, que poderiam comprometer o anonimato das entrevistas, foram suprimidas.

peças do que para os livros. "Era um projeto que já existia antes da pandemia, que se intensificou. Quando voltou, o aluno estava muito mais digital" (Entrevistada 2).

A baixa utilização do acervo físico é algo reforçado pela literatura da área por Lankes (2016), que discorre em seu livro "Expect more: melhores bibliotecas para um mundo complexo" que, de um acervo, apenas 20% são utilizados ficando os outros 80% ocupando um espaço que poderia ser utilizado para outras finalidades. Isto foi confirmado nas entrevistas, levando os profissionais a tomarem decisões referente ao layout do espaço físico da biblioteca. Na entrevista 3, o profissional mencionou que já reorganizou o layout e está prestes a fazer isso novamente, mencionando ainda que precisa ser criativo dentro da realidade em que está inserido para ocupar o espaço da melhor forma.

Além de ser criativo, as entrevistas demonstram que o profissional bibliotecário precisa ser resiliente com as adversidades que o espaço pode oferecer, uma delas é o problema crônico que acontece em grande parte das bibliotecas que é o problema com chuvas. Isto foi reforçado na entrevista 3, porém, apesar de chover dentro da biblioteca e eles precisarem tirar a água com balde, eles conseguem no mesmo dia, após esse episódio, ministrar cursos on-line.

Apesar de chover dentro da biblioteca, estamos lá! Do mesmo jeito que estamos tirando o balde de água de dentro da biblioteca, estamos de salto alto, falando para 600 alunos ou dando cursos on-line. O Brasil inteiro participa dos cursos que a gente oferece. E aí, meia hora antes, estávamos de chinelo, tirando a água da biblioteca. Temos um problema sério com relação a isso (Entrevistada 3).

Silva (2018) relata que, para as bibliotecas, os dias de chuvas são considerados como verdadeiros transtornos pois as pessoas, ao transitarem por lá, sentem-se em um verdadeiro labirinto. Esta sensação vem da necessidade de se transitar entre baldes e sacos plásticos, além de ter o espaço, em muitos momentos, parcialmente interditado para evitar acidentes.

Apesar disso, sempre pensam em espaços que privilegiem o bem-estar das pessoas, um deles é o espaço criado pela equipe dentro da biblioteca denominado na entrevista 3 como "desativação do estresse" com a intenção de ser um espaço para que os alunos possam relaxar, visto que na universidade não

há espaços coletivos coberto para esta finalidade e a biblioteca acaba ocupando esse lugar.

Temos um espaço que chamamos de “desativação do estresse” com pufes para que os alunos tenham um espaço de descanso, porque no nosso campus não há espaços cobertos coletivos. Não tem uma grande área de convivência. Então a biblioteca acaba ocupando esse lugar (Entrevistada 3).

Tem-se como parte das atividades do profissional bibliotecário gerar uma melhor experiência para o aluno. Sendo assim é necessário que o espaço da biblioteca seja propício para as relações interpessoais. Segundo (Brayner, 2018) isto tem a ver com o perfil do profissional, se ele for um “bibliotecário democrático” que terá como missão facilitar o acesso à informação e repensar as estratégias para que haja interação entre comunidade e acervo, ao contrário do “bibliotecário democrata” que se ocupa apenas em resguardar o acervo.

Este perfil profissional “bibliotecário democrata”, muitas vezes é impulsionado pelos próprios currículos de formação dos cursos de biblioteconomia, pois não privilegiam o lado social de sua atuação profissional, enfatizando o acervo e não a comunidade local, ficando preso a um conservadorismo profissional (Lankes, 2016).

A biblioteca como espaço coletivo deve priorizar as necessidades do coletivo. Na entrevista 3, o profissional fala da criação de espaços com base na preferência dos estudantes com a implantação de uma sala de jogos, espaço que tem feito muito sucesso, inclusive com projeto de ampliação.

Inauguramos [...] uma sala de jogos, que faz muito sucesso. Esta sala pegou um pedacinho pequeno de uma sala e a gente já está com projeto para ampliar. Então temos um espaço para eles ficarem, para eles circularem, descansarem e jogarem (Entrevistada 3).

Segundo Cassiavilani (2020), as bibliotecas devem pensar em ações que proporcionem o encontro de pessoas que possuem os mesmos interesses, com isso tem-se a criação de espaços que proporcionam ao profissional bibliotecário a possibilidade de atuar como mediador e facilitador.

Na entrevista 3, o profissional comenta que o livro apesar de ter o seu valor não é o protagonista deste espaço, até porque os livros sem a conexão com

as pessoas são apenas páginas que algum dia alguém pode ler, ou não. Sendo assim, estes espaços precisam proporcionar ações que estimulem a prototipação. Nesta biblioteca eles tem a previsão de implantar um espaço de coworking com empresas. "Estamos prevendo um espaço de *coworking* para trabalhos com empresas de prototipagem. A gente tem este espaço previsto. Estão nas metas de curto, médio prazo" (Entrevistada 3).

Corroborando desta mesma opinião Cassiavilani (2020) ao afirmar em sua dissertação que os espaços devem ser acolhedores para proporcionar as pessoas a possibilidade de troca de experiências. Ela cita ainda o exemplo da biblioteca de Chattanooga, que se localiza no estado americano do Tennessee, que para proporcionar a sua comunidade local um espaço de interação desocupou um andar inteiro de livros. Agora neste espaço as pessoas podem fazer oficinas, trabalhar por projetos, além de poderem abrir o seu próprio negócio.

Lankes (2016), comenta em seu livro que a biblioteca de Dallas, trocou estantes cheias de livros por mesas e passou a convidar empreendedores para ocuparem os seus espaços de forma gratuita para que tenham as suas ideias dentro deste espaço.

Apesar disso, o profissional bibliotecário da entrevista 2, apesar de já ter a "sua biblioteca" conforme configuração mencionada na literatura acadêmica, aparentemente não está satisfeito com as novas configurações da biblioteca em que atua mencionando com ênfase a dificuldade em se manter o silêncio que havia anteriormente naquele espaço, porém a conversa e o barulho fazem parte deste novo modelo de biblioteca.

A parte que se diferenciou bastante foi a questão de os espaços serem interessantes, bonitos, convidativos. Só que é difícil manter aquele silêncio anterior que nós tínhamos. Aquele silêncio que tinha na biblioteca não tem mais. Claro que a gente deixa recadinhos ou vai chamando a atenção do pessoal que se exalta um pouco mais, mas o silêncio a gente não tem mais (Entrevistada 2).

Maciel e Mendonça (2006) analisa que as bibliotecas vivem hoje realidades distantes uma das outras. Muitas já estão inseridas no digital enquanto outras ainda estocam livros em suas estantes cheias de pó.

Algumas delas estão já imersas no espírito de *start-up* com a reunião de graduandos em grupos de geração de ideias e de negócios. Nestas *start-ups* os

bibliotecários têm como missão se reunir com esses grupos para análise competitiva de mercado e pesquisar ideias inovadoras. Destaca-se que os bibliotecários corporativos quebram patentes nas empresas de todo o país fornecendo capacitação a advogados, médicos para alavancar os negócios (Lankes, 2016).

Assim fica evidente que o espaço tem sido atualizado para incluir novas iniciativas, como as start-ups. Entretanto ainda é necessário pensar na nova função do profissional bibliotecário nesse espaço, que já não é mais silencioso e sim um espaço de conexão de pessoas e ideias.

Brayner (2018, p. 193) traz outro exemplo que remete a importância do design na biblioteca:

A Biblioteca Pública de Kista, localizada no subúrbio da capital sueca, foi eleita, em 2015, a melhor biblioteca do mundo. O que a levou a alcançar tal título? Três elementos – beleza, funcionalidade e empatia –, que, no fundo, se reduzem a um único: compromisso estético.

Neste contexto o espaço da biblioteca pode ser considerado um ambiente para encontros sociais, com muito café e um pouco barulhento. As bibliotecas ao remover parte de suas estantes, abre caminhos para ambientes que funcionam como oficinas comunitárias com espaço para lounge e sofás. Isto é relato com frequência na literatura acadêmica da área (Cassiavilani, 2020).

Na nova configuração, o bibliotecário atua nos bastidores pois as pessoas interagem com este espaço com mais autonomia.

6 Considerações finais

Este trabalho teve a intenção de analisar o espaço físico da biblioteca no ensino superior, sob ótica do bibliotecário fazendo relação com a bibliografia da área. Para isso, além da pesquisa bibliográfica, foram realizadas entrevistas com bibliotecários de universidades de Sorocaba-SP.

Pelas entrevistas, pode-se perceber que o profissional bibliotecário tem buscado reinventar o uso das bibliotecas, acompanhando o que dizem as tendências referentes ao uso do espaço da biblioteca. Isso se deve também a

evolução das IES, que têm se adaptado para atender as necessidades comunidade que está em constante evolução e aprendizado.

O livro físico continua a existir neste espaço, porém com o acesso a tecnologias o livro digital passa cada vez mais a ser usado pelos alunos e professores devido a facilidade de uso de qualquer lugar com dispositivo com acesso à internet (algo que se intensificou após a pandemia do Covid-19).

A biblioteca continua tendo um papel interdisciplinar o que exige dos profissionais tais mudanças com a previsão de espaços coletivos para o estímulo de uma aprendizagem cada vez autônoma e que privilegie o protagonismo do aluno, além de abrir portas para o estímulo ao processo criativo e acesso a atividades de cultura e lazer com ambientes cada vez mais dinâmicos e digitais estimulando cada vez mais o convívio social.

Referências

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Atlas, 2003. 174 p.

ARAUJO, Isabella Belmiro; CORRÊA, Márcio Ferreira Nery; CARDOSO, Tatyana Marques de Macedo; ALVES, Vitor de Araujo. Os acervos da Biblioteca Histórica e da Sala Raja Gabaglia do Colégio Pedro II como fontes de estudos e pesquisas para o campo da geografia. **Acervo**, [S. l.], v. 37, n. 2, p. 1-25, 2024. Disponível em: <https://revista.an.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/1991>. Acesso em: 14 ago. 2024.

AUTORES, Ano.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2021. 281 p.

BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Rio de Janeiro: Vozes, 2015. 520 p.

BRAYNER, Cristian. **A Biblioteca de Foucault: reflexões sobre ética, poder e informação**. São Paulo: É realizações, 2018. 287 p.

CABRAL, Viviane de Holanda. **A biblioteca no contexto da cultura maker: tendências e possibilidades em bibliotecas universitárias**. 2021. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2021. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/60332/5/2021_dis_vhcabral.pdf. Acesso

em: 4 set. 2022.

CASSIAVILANI, Camila. **Starteca**: participação ativa da biblioteca universitária na constituição da universidade empreendedora. 2020. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/12411/20200407-versão-final-folha-aprovação.pdf?sequence=2&isAllowed=y>. Acesso em: 4 set. 2022.

CUNHA, Murilo Bastos da; Cavalcanti, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2008 451 p.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 175 p.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 200 p.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1993.

LANKES, R. David. **Expect more**: melhores bibliotecas para um mundo complexo. São Paulo: FEBAB, 2016. 176 p.

LATOUR, Bruno. Redes que a razão desconhece: laboratórios, bibliotecas, coleções. In: JACOB, Christian; BARATIN, Marc (dir.) **O poder das bibliotecas**: a memória dos livros no Ocidente. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006. p. 21-44.

MACIEL, Alba Costa; MENDONÇA, Marília Alvarenga Rocha. **Bibliotecas como organização**. Rio de Janeiro: Interciência, 2006. 94 p.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita**: história do livro, da imprensa e da biblioteca. 3. ed. rev. atual. São Paulo: Ática, 1998. 519 p.

MILANESI, Luís. **O que é biblioteca**. São Paulo: Brasiliense, 1983. 107 p.

NOGUEIRA, Cibele Andrade. **Inovação pelo design thinking no contexto de unidades de informação**: o caso da Biblioteca Central da UFGD. 2020. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2020. Disponível em:

<https://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/bitstream/prefix/2981/1/UEL%20-%20CibeleAndradeNogueira.pdf>. Acesso em: 4 set. 2022.

NUNES, Martha Suzana Cabral; CARVALHO, Kátia de. As bibliotecas universitárias em perspectiva histórica: a caminho do desenvolvimento durável. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 21, n. 1, p. 173–193, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/23050>. Acesso em: 2 jan. 2024.

SALORT, Shirlei Galarça. **A biblioteca e o bibliotecário em tempos de cibercultura**: espaços e práticas. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/158546/001021564.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 4 set. 2022.

SILVA, Kátia Rejane da. **Diagnóstico situacional**: inovação e inclusão para uma biblioteca universitária ativa. 2019. Dissertação (Mestrado em Gestão de Processos Gerenciais) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/27692/1/Diagnosticosituacionalinovacao_Silva_2019.pdf. Acesso em: 4 set. 2022.

SILVA, Rovilson José da. **Chuva na Biblioteca**. Set. 2018. Disponível em: https://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=1156. Acesso em: 31 jan. 2024.

SZYMANSKI, Heloisa. **A entrevista na educação**: a prática reflexiva. 2. ed. Brasília, DF: Liber Livro, 2008. 96 p.

TAVARES, José da Cunha. **Gestão da inovação e geração de valor em pequenas e médias empresas**. São Paulo: Senac SP, 2018. 203 p.